



Cibercultura – perspectivas conceituais, abordagens alternativas de comunicação e movimentos sociais

*Cyberculture – conceptual perspectives, alternative
approaches to communication and social movements*

Dostoiowski Mariatt de Oliveira Champagnatte ^[a]

Marcus Alexandre de Pádua Cavalcanti ^[b]

^[a] Doutor, Unigranrio, e-mail: dostoiowski.tico@gmail.com

^[b] Mestre, Unigranrio, e-mail: marcus_nathan1203@hotmail.com

Resumo

O presente artigo apresenta uma breve análise de estudos teóricos e reflexões filosóficas que perpassam o conceito de cibercultura, com o objetivo de elaborar uma abordagem crítica das redes e suas utilizações em mobilizações sociais. Na primeira parte do trabalho, são realizadas apresentações e discussões acerca dos conceitos de ciberespaço, cibercultura e inteligência coletiva. Em sequência, busca-se articular e aproximar os conceitos de rizoma e de hipertexto. E, na terceira parte, parte-se para uma análise do uso das redes sociais por movimentos sociais contemporâneos, no intuito de investigar a dinâmica das práticas de produção de contrainformações em canais alternativos do ciberespaço, evidenciando ações contra-hegemônicas que vão de encontro ao Estado e aos grandes conglomerados de comunicação. Para tanto, são explicitadas e analisadas as práticas do Mídia Ninja, grupo independente midiativista que ganhou visibilidade nas transmissões dos levantes de 2013 no Brasil. Conclui-se, ao final, que o ciberespaço pode ser um grande fomentador de movimentações sociais, nos planos virtual/real, por possuir características rizomáticas e abertas que permitem mediações todos-todos por parte de seus usuários.

Palavras-chave: Cibercultura. Movimentos Sociais. Redes Sociais.

Abstract

This article presents a brief analysis of theoretical and philosophical reflections that underlie the concept of cyberculture, in order to develop a critical approach of the networks and their use in social mobilizations. In the first part of the work are held presentations and discussions about the concepts cyberspace, cyberculture and collective intelligence. In sequence, we seek to articulate and bring the concepts of rhizome and hypertext. And in the third part, we proceed to an analysis of the use of social networks by contemporary social movement in order to investigate the dynamics of against informations production practices in alternative channels of cyberspace. Showing against hegemonic actions that go against the State and the large conglomerates of communication. To this end, explicit up and analyzes the Mídia Ninja practices, midiativista independent group that gained visibility in the broadcasts of the 2013 uprisings in Brazil. It is concluded in the end that cyberspace can be a great developer of social movements in the virtual / real plans for possessing rhizomatic and open characteristics that allow all mediations-all on the part of its members.

Keywords: Cyberculture. Social movements. Social networks.

Introdução

Na contemporaneidade, percebe-se que o ambiente tendencialmente interativo, colaborativo e descentralizado da internet introduz componentes inéditos e criativos nas dinâmicas dos movimentos políticos/sociais, incrementando, assim, o surgimento de novos processos organizativos de mobilização.

O ciberespaço tem sido o lugar de interação e expressão para variadas atividades que envolvem coletivos de resistência, que têm como finalidade difundir suas reivindicações na tentativa de perfurar os mecanismos políticos/ideológicos impostos pela grande mídia hegemônica da indústria cultural. O ciberespaço vem permitindo que essas iniciativas se transformem em poderosas forças contra-hegemônicas, pois, a partir do advento da internet, os receptores também adquiriram a possibilidade de se tornarem agentes emissores, o que proporcionou o aumento efetivo de ocorrência de fenômenos comunicativos de forma rizomática, alargando a teia comunicacional, que antes ficava restrita aos meios de comunicação de massa, permeados pelo modelo arborescente.

O ciberespaço emerge como um território sem fronteiras, aparentemente sem controles e hierarquias, em que não há pontos fixos e nem lineares para a disseminação de informações. Nesse sentido, há condições de conteúdos serem produzidos e distribuídos instantaneamente, numa dinâmica horizontal/todos-todos, na qual os conteúdos não estão sujeitos a um todo uniformizador e centralizador de poderes do tipo vertical/um-todos, estimulando, assim, o rompimento com monopólios de elaboração/distribuição da informação.

Embora os processos no ciberespaço sejam conduzidos por características que claramente se distinguem daquelas utilizadas pelos meios de comunicação tradicionais, compreende-se que existe uma relação de complementaridade entre ambos que resulta em ressonâncias e atravessamentos desses processos. Assim como o rádio não substituiu o jornal e também a TV não acabou com o rádio, não há nenhuma evidência de que a *web* vá ocupar o lugar de todas as mídias que a antecederam. É importante salientar que o novo território comunicacional, da internet, não elimina o poder e a capacidade dos meios massivos da indústria cultural, pois ambos os territórios coexistem e se atravessam. Desse modo, a passagem para um novo ambiente comunicacional pode permitir, mas não garante, a reconfiguração das formas de produção e da circulação de informação. O que pode promover tal reconfiguração são as novas possibilidades de criação e gestão de ambientes alternativos às grandes corporações midiáticas, a partir do ciberespaço.

O presente texto procura analisar a emergência de práticas de movimentos sociais que utilizam as redes sociais para produzir cenários de resistência a partir de novas configurações que se contrapõem a modelos culturais-midiáticos centralizados, por meio de intervenções em espaços virtuais e públicos.

O texto se divide em três tópicos. O primeiro apresenta e discute os conceitos de ciberespaço, cibercultura e inteligência coletiva de Pierre Lévy. Em sequência, no segundo tópico, busca-se articular e aproximar os conceitos de rizoma e de hipertexto, de Gilles Deleuze e Pierre Lévy, respectivamente. No terceiro tópico, é feita uma análise do uso das redes sociais para organização de práticas de resistência em mobilizações políticas. O objetivo é apontar que o ciberespaço pode ser um território de redes de movimentos sociais que possibilitam uma articulação entre diversas entidades sociais em prol de objetivos comuns. Busca-se compreender, aqui, a complexidade política contemporânea sob a perspectiva da produção de contrainformação em canais alternativos. O artigo traz um exemplo dessa prática por meio de uma breve abordagem acerca do movimento Mídia Ninja – grupo independente midiativista que ganhou visibilidade nas transmissões dos levantes de 2013 no Brasil, abordando acontecimentos e evidenciando novos olhares sobre tais levantes.

Cibercultura: um novo espaço de interações entre culturas comunitárias

De acordo com Lemos (2008), o termo *cyberspace* foi criado pelo escritor de ficção científica William Gibson, na sua obra *Neuromancer*, de 1984. Para Gibson, o ciberespaço é um espaço territorial não físico composto por uma reunião de redes de computadores, por meio das quais todas as informações, das mais variadas formas, circulam.

O ciberespaço gibsoniano é uma "alucinação consensual". A Matrix, como chama Gibson, é a mãe, o útero da civilização pós-industrial onde os cibercibergonautas vão penetrar. Ela será povoada pelas mais diversas tribos, onde os *cowboys* do ciberespaço circulam em busca de informações. A Matrix de Gibson, como toda a sua obra, faz uma caricatura do real, do cotidiano (LEMONS, 2008, p.127).

Em suas obras, Pierre Lévy buscou conceituar o ciberespaço como o novo meio de comunicação que emerge da interconexão mundial dos computadores – a rede – “não apenas em relação à infraestrutura material, mas quanto ao oceano de informações que a comunicação digital abriga, assim como quanto aos humanos que navegam, habitam e se alimentam desse universo” (LEVY, 1999, p. 17). O autor destaca que a cibercultura seria, então, a cultura dotada de técnicas, valores, pensamentos e atitudes das pessoas que se articulam nesse novo espaço.

Para Lemos (1999, p. 11), a cibercultura é também a modalidade sociocultural que “surge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecno-

logias de base microeletrônica que emergiram com a convergência das telecomunicações, com a informática na década de 1970”. Lemos (2008) fala em leis da cibercultura, que são três. A primeira lei seria a da liberação do polo de emissão:

A liberação do polo da emissão está presente nas novas formas de relacionamento social, de disponibilização da informação e na opinião e movimentação social da rede. Assim *chats, weblogs, sites*, listas, novas modalidades midiáticas, *e-mails*, comunidades virtuais, entre outras formas sociais podem ser compreendidas por essa lei (p. 20).

A segunda lei se refere ao princípio da conexão generalizada, que é a participação e a colaboração de pessoas nos conteúdos. “Nessa era da conexão, o tempo reduz-se ao tempo real e o espaço transforma-se em não espaço, mesmo que por isso a importância do espaço real e do tempo cronológico, que passa, tenham suas importâncias renovadas” (LEMOS, 2008, p. 20).

A terceira lei, por sua vez, está relacionada à reconfiguração da paisagem comunicacional da indústria cultural, que se refere à ideia de modificação dos fundamentos das instituições sociais e das práticas comunicacionais. “Em várias expressões da cibercultura trata-se de reconfigurar práticas, modalidades midiáticas, espaços, sem a substituição de seus respectivos antecedentes” (LEMOS, 2008, p. 18).

A cibercultura não representa o fim da indústria cultural/massiva. Por sua vez, a indústria cultural não vai absorver e massificar a cultura digital pós-massiva. A cibercultura é essa configuração na qual se alterarão processos massivos e pós-massivos, na rede ou fora dela.

Desse modo, é válido apontar que a cibercultura é a configuração na qual se alternarão processos de massa e pós-massivos, na rede ou fora dela. Esses processos coexistem, porém, a nova paisagem pode permitir a reconfiguração dos meios de produção e da difusão da informação, como também novos meios de se relacionar com o outro podem emergir (LEMOS, 2008).

O ciberespaço tem permitido a emergência dos mais diversos tipos de comunidades, que interagem e articulam-se de acordo com os seus interesses, transformando seus territórios em uma poderosa ferramenta para os mais diversos fins. Segundo Levy (1999), é a cibercultura que “mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa” (LEMOS, 2008, p. 27).

Nesse sentido, Lemos (2005) afirma que o ciberespaço cria condições de desterritorializações sob os aspectos político, econômico, cultural e subjetivo,

como também possibilita reterritorializações por meio de redes comunitárias formadas na internet. Segundo o autor (2005, p.3), “o ciberespaço é efetivamente desterritorializante, mas essa dinâmica não existe sem novas reterritorializações”. Ou seja, a cibercultura não apenas destrói hierarquias e fronteiras, mas também as institui em um processo complexo de “des-re-territorializações”, o que possibilita aos indivíduos/coletivos estarem imersos em uma maior flexibilidade social, em uma organização fluida com papéis menos rígidos e lugares sociais intercambiáveis.

O ciberespaço também é o território que serve de base e expansão àquilo que Pierre Lévy (2003, p. 28) chama de inteligência coletiva, “uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta de uma mobilização efetiva das competências”. Ela tem como finalidade perceber e reconhecer as habilidades que se distribuem entre os indivíduos, com o intuito de organizá-las para serem utilizadas em benefício da coletividade.

Para Lévy (2003), a inteligência não está limitada apenas a poucos privilegiados e, exatamente por isso, o autor afirma que ela deve ser incessantemente valorizada. É necessário procurar descobrir o contexto em que o conhecimento do indivíduo pode ser considerado importante para o crescimento de determinado grupo. A proposta da inteligência coletiva, evidenciada por Lévy (2003), é o reconhecimento e desenvolvimento mútuo de todos aqueles que se envolvem em tal projeto.

As teias rizomáticas e hipertextuais

O surgimento de novas relações políticas, agenciadas por meio das redes e coletivos, parece revelar a construção de formas de organização inéditas para tratar de questões sociais, tanto de interesse individual como coletivo. Essas relações perpassam as formas de poder tradicionais e constroem novas e cruciais configurações, produtos desses agenciamentos. O resultado tem sido a emergência de comunidades virtuais que usam os mais variados recursos no ciberespaço. Nessas novas práticas, são as próprias concepções de política, resistência, luta, democracia, sociabilidade, mobilidade e deslocamento que parecem ser redesenhadas. Essas redefinições possibilitam não somente perceber a emergência de novos modos de criar resistência, como podem, talvez, munir os coletivos com recursos para enfrentar os impasses que resultam das mudanças que vêm ocorrendo na sociedade (GONÇALVES, 2007).

Essas novas relações vêm se caracterizando por uma busca de alternativas às formas de representação política fundadas em modelos hierárquicos/arborescentes, que se utilizam de práticas comunicacionais da indústria cultural. Lévy (2003) observa que o aspecto principal que deve ser considerado nessas

novas relações, no que diz respeito à comunicação, é a mediação, que é ao mesmo tempo interativa e massiva, “avançando ao longo dos modelos um-todos, um-um, para todos-todos” (2003, p. 211).

Nessa mesma perspectiva, Lemos (1999) aponta que

As mudanças produzidas pela interação com as redes implicam, progressivamente, a passagem dos *mass-media* (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa, o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um-todos) e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos) (p. 73).

As redes sociais, ao colocarem indivíduos em contato e permitirem a circulação de conteúdos sem a mediação de meios de comunicação já institucionalizados, podem contribuir para tal passagem/processo apontado por Lemos (1999). As redes sociais, de acordo com Antoun (2004), possuem estruturas próprias que têm como características ações descentralizadas, heterogêneas, múltiplas e simultâneas, que se organizam e se realizam, em rede, por distintos grupos envolvidos em processos rizomáticos. Ao se referir à rede como modo social de organização, Antoun (2004, p. 216) verifica que nas redes sociais o modo de organização se “dá muito mais no tempo que no lugar e que permite, por isso mesmo, uma experiência de descentramento e de cooperativismo muito útil aos novos movimentos de resistência”.

François Zourabichvili (2004), ao comentar a relação entre a rede e processos rizomáticos/rizoma, preocupa-se em compreender as redes a partir dos princípios constitutivos do rizoma, elaborados por Deleuze e Guattari (1995), na obra *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tal como faz Kastrup (2004) em seu trabalho, afirmando que “a rede é uma encarnação, uma versão empírica e atualizada do rizoma” (p. 84).

Na obra citada, Deleuze e Guattari (1995) apresentam seis princípios relacionados à estrutura do rizoma que permitem perceber a complexidade desse conceito. O primeiro e o segundo princípios são os de conexão e heterogeneidade – que indicam que qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado com qualquer outro. Nessa perspectiva, todos podem ser receptores tanto quanto emissores de mensagens e, dessa forma, a rede não possuiria um centro como ponto preestabelecido de origem das mensagens.

Sobre o terceiro princípio, o da multiplicidade, Deleuze e Guattari (1995) dizem que

é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito

ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes (p.17).

No quarto princípio, o de ruptura assignificante, Deleuze e Guattari (1995) consideram que um rizoma pode ser rompido e quebrado em um lugar qualquer, mas também pode ser retomado a partir de suas próprias linhas ou agrupando outras. Os princípios quinto e sexto podem ser abordados juntamente e são, respectivamente, o de cartografia e o de decalcomania. O mapa rizomático é feito de conexões, é aberto, “desmontável, invertível, susceptível de receber modificações constantes” (idem, p. 32). “Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social” (idem, p.30). Kastrup (2010) afirma que cartografar é acompanhar os fluxos, os acontecimentos, observar as potências de transformação do mapa, que está sempre se reconfigurando em seus movimentos. Já a decalcomania segue a lógica do decalque – copiar algo de alguma coisa.

Levy (2003) afirma que o rizoma, pensado como metáfora para as redes, é constituído por nós intercomunicantes que conectam diferentes pontos, independentemente da sua natureza. Para o autor, o conceito de rizoma intensifica a perspectiva de horizontalidade dos modelos de comunicação e organização sociais, contrapondo-se à lógica hierárquica a que sua expansão vertical nos remete.

Lévy (1993), baseado em Deleuze e Guattari, percebe que o hipertexto é um conjunto de nós não linearmente conectados e obtém no rizoma a forma mais adequada para descrever e representar a sua teoria, associando o hipertexto à tecnologia intelectual e concebendo as formas de pensamento e de imaginação como uma múltipla teia heterogênea em movimento.

De acordo com Levy (1996), a perspectiva rizomática, proposta por Deleuze e Guattari, permite constituir relações com o conceito de hipertexto, pois este se refere a um território de informações virtuais, onde há uma rede que conecta determinada ideia explicitada a outros *links* e textos, como também a outras visões e possibilidades. Lévy (1993) criou seis princípios – pressupostos do rizoma – para categorizar o hipertexto, são eles: metamorfose, heterogeneidade, multiplicidade de encaixe das escalas, exterioridade, topologia e mobilidade dos centros.

No princípio da metamorfose, é possível perceber que o espaço hipertextual é dinâmico e instável, podendo, assim, gerar alterações e transformações em seu conteúdo ao longo do tempo. No princípio da heterogeneidade, percebe-se que o hipertexto não se constitui apenas de textos, mas de sons, imagens e outras memórias sensoriais complexas. O terceiro princípio se refere ao de multiplicidade e de encaixe das escalas, em que é possível perceber que, a partir de um nó, torna-se possível acessar toda a rede. No quarto princípio, o da exterioridade, Levy (1993,

p. 25) afirma que “a rede não possui unidade orgânica, sua composição e sua recomposição permanente dependem de um exterior indeterminado: adição de novos elementos e conexões com outras redes”. No princípio da topologia, percebe-se que a questão da proximidade está patente nos hipertextos, os acontecimentos ocorrem por trajetos não fixos, ou seja, a informação circula livremente. E por último, no princípio da mobilidade de centros, se verifica que a rede possui, permanentemente, “diversos centros que são como pontas luminosas perpetuamente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, de rizomas” (LÉVY, 1993, p. 26).

A partir desses princípios, é possível observar que o hipertexto é dinâmico, permanecendo em movimento constante e possibilitando a projeção de espaços que, definidos dentro de uma lógica de rede e em permanente interação, propiciam a coexistência entre pessoas/coletivos que compõem o ambiente das redes sociais (FERREIRA, 2008).

Redes de resistência – o papel da internet em recentes ações coletivas

Segundo Hardt e Negri (2005), as formas contemporâneas de resistência emergem em novos modelos de lutas que se constroem por meio das redes e de movimentos múltiplos, colaborativos e reticulares. Nesse sentido, Pierre Lévy (2011, p. 66) considera as redes como um possível espaço “de uma nova forma de democracia direta em grande escala”, em que grandes coletividades poderão interagir em tempo real.

A respeito das comunidades virtuais, Antoun (2008) detecta o surgimento de um individualismo conectado que se manifesta por intermédio dos rizomas e agenciamentos coletivos. Tal individualismo conectado pode dar origem a novas formas de organização e interação sociais, “onde a web surge como um substituto do padrão das mídias de massa, com suas mensagens redundantes, repetitivas e hipnóticas” (p. 286). Nesse sentido, a perspectiva rizomática é fundamental para a compreensão dessas intervenções e de novas formas de convivência, que são descentralizadas, heterogêneas, mutáveis e flexíveis. Para tanto, o autor afirma que as manifestações que surgem ao redor do planeta são formas de intervenções de ações rizomáticas, em que a internet é um mapa aberto que permite o agenciamento de pontos e possibilita o surgimento de uma multiplicidade de entradas e saídas, fixações e nomadismos.

Castells (2013), ao analisar a multiplicidade de movimentos sociais articulados por meio das redes, afirma que as transformações das lutas políticas, iniciadas a partir da última década do século XX, estão conectadas a uma nova perspectiva

de luta e de crítica ao sistema de globalização capitalista. O autor aponta, como pioneiro dessa prática, o Movimento Zapatista no México – um dos primeiros movimentos sociais a utilizar o ciberespaço com a finalidade de mobilizar a sociedade civil, construindo uma rede de solidariedade e apoio em torno das lutas e resistências indígenas de Chiapas.

Castells (2013) aponta que a rede foi primordial para a ocorrência de diversos movimentos sociais contemporâneos, pois permite a existência de uma comunicação livre, a partir da qual tais movimentos puderam expor suas reivindicações, indo, inclusive, de encontro à grande mídia e ao Estado. O autor cita o movimento Primavera Árabe, no Oriente Médio e no norte da África, que demonstrou um uso¹ intensivo das redes sociais a favor de suas lutas.

No Brasil, é possível observar que as redes sociais foram, também, os principais pontos de mediação para que os protestos de 2013 ocorressem em várias capitais do país. Indivíduos e coletivos puderam interagir e se comunicar, mobilizando pessoas, divulgando movimentações e estratégias, além de produzirem trocas e debates on-line. Nesse contexto de quebra de monopólio dos meios de comunicação de massa, emergiram as potencialidades das redes, como os fluxos de notícias e informações imbricados no ciberespaço que adquiriram formatos de mídias cooperativas e colaborativas. Enfim, observou-se “um modelo de mídia livre, atuando de maneira compartilhada e autônoma nas redes” (ANTOUN; MALINI, 2010, p. 08).

Segundo Lemos (1999), as redes sociais proporcionam maiores possibilidades de interação, produção, distribuição e compartilhamento das informações, em que a liberação do polo de emissão – uma das três leis da cibercultura – implica mudanças no modo de produção/envio e recepção/leitura das informações. Logo, Lemos (1999) explicita que o cenário de mudança que as redes proporcionam, entre outros aspectos, reconfigura a velocidade dos fluxos nos processos informacionais e constitui novas formas de mediação das mensagens midiáticas. A partir disso, ele explica o conceito de mídias pós-massivas, que se diferem dos meios de comunicação de massa da indústria cultural. Na indústria cultural, a prática midiática é unidirecional, ou seja, o emissor concentra a produção e distribui conteúdos para um grande número de receptores. Já nas mídias com funções pós-massivas ocorrem redes telemáticas, que são abertas, nas quais qualquer pessoa pode emitir informação, em rede, sem passar por um crivo/concessão empresarial.

¹ Segundo Cohn (2012), a Primavera Árabe foi um conjunto de manifestações realizadas no mundo árabe que se iniciaram em dezembro de 2010, na Tunísia, e se intensificaram no ano de 2011, sobretudo com a realização de ações nos demais países do Oriente Médio e do Norte da África. Dentre uma ampla diversidade de reivindicações e contestações, destacavam-se a demanda de liberdade de expressão e medidas democráticas.

Um exemplo da utilização de mídias pós-massivas ocorreu com o surgimento de um novo modelo de cobertura jornalística, realizado pelo grupo Mídia Ninja² – Narrativas Alternativas, Jornalismo e Ação. Tal grupo é um coletivo contra-hegemônico que, por ter utilizado um modelo de conexão generalizada, conduziu a informação de forma descentralizada pelas redes, causando sérios incômodos à mídia tradicional. Esse coletivo adquiriu visibilidade durante os levantes de junho de 2013, quando os brasileiros foram às ruas das principais capitais do país para exigir transparência e ética na política. Ao mesmo tempo, os movimentos sociais também passaram a questionar as informações que eram produzidas pelos meios de comunicação de massa sobre eles próprios. Erthal (2004) explica que

enquanto os telejornais mostravam as turbas caminhando pelas ruas das cidades mais importantes do país, do ponto de vista de um helicóptero, contando com depoimentos de repórteres infiltrados na passeata *via link* ao vivo pelo celular, o Mídia Ninja mostrava as atrocidades que aconteciam nas ruas, durante os eventos e mesmo depois deles, gravando ininterruptamente *via* celulares de colaboradores voluntários momentos marcantes que colocaram em questão a reputação da mídia tradicional. (p. 03)

A cobertura ao vivo do Mídia Ninja apresentava imagens das ruas que as câmeras das grandes emissoras de televisão, como a TV Globo, não mostravam.

Enquanto o telejornal da GloboNews mostrava a Rio Branco tomada por manifestantes em visão vertical, a partir do helicóptero, as pessoas registravam o que acontecia na rua, em uma visão horizontal, e publicavam nas redes em tempo real. Se as imagens editadas de vandalismo aos prédios públicos eram publicadas apenas no dia seguinte nos telejornais e jornais impressos, na mesma noite era possível ver policiais ateando fogo à própria viatura da corporação. Tudo indicava para uma mudança, não apenas de postura e de discurso, mas para uma reconfiguração das mídias que passaram a concorrer com o produtor amador de conteúdo (ERTHAL, 2004, p. 3).

² Segundo Erthal (2013), o Mídia Ninja surgiu em São Paulo, em 2011. O Mídia Ninja é um grupo que tem seu organograma organizado paralelamente à rede Fora do Eixo e aos coletivos espalhados pelo Brasil e América do Sul. O grupo uniu-se voluntariamente para fazer coberturas dos eventos que não conseguiam se fazer ouvir pelas mídias tradicionais. Adquiriram notoriedade nacional e internacional nas transmissões das manifestações de 2013, mostrando policiais ateando fogo na própria viatura, ou a prisão de um suposto acusado de portar explosivos. Apesar da baixa qualidade dos vídeos transmitidos, sua reputação superou a das mídias tradicionais, pois o Mídia Ninja buscava transmitir a verdade dos fatos, isenta de interesses políticos ou financeiros.

Segundo Pinheiro (2014), esse foi o ponto principal das transmissões e ações do Coletivo Mídia Ninja. Por meio dos *links* disponibilizados nas redes sociais – *Facebook, Instagram, Twitter* e em outras ferramentas de mídia social –, imagens e novas narrativas foram compartilhadas e disseminadas nas redes. Desse modo, Landesman (2013, p. 44) afirma “que é possível diferenciar a onda contemporânea de projetos independentes de mídia e coletivos, como Ninja, pelo seu impulso para a democratização dos meios de comunicação”. Nesse sentido, o que o grupo Mídia Ninja fez foi estabelecer um contraponto narrativo à mídia oficial, à “chamada indústria cultural e oligopólio da mídia” (idem, p.44).

Vieira (2014, p. 3) afirma que, apesar do contraponto produzido e apresentado pelo Mídia Ninja, “ele não representa uma ameaça ao grande poder que ainda detêm as empresas líderes como a Globo, Record, Bandeirantes ou SBT, entre outras”. Lemos (2007) afirma que o que importaria, nesse caso, é apontar que os movimentos contemporâneos, organizados por meio das redes em suas multiplicidades e heterogeneidades, se diferenciam da visão totalizante da mídia tradicional hegemônica. Pois, segundo Lemos e Lévy (2010), o diferencial da comunicação reticular é que ela propicia, através do ciberespaço, a criação de brechas e linhas de fuga que têm como propósito contestar as forças hegemônicas e driblar os grandes monopólios de divulgação de informações. O ciberespaço produz a reconfiguração do cenário político, no qual os indivíduos e coletivos “podem criar suas próprias páginas, divulgar a informação que julgarem mais relevante sem passar pelo crivo de uma comissão editorial e sem depender de fomentos financeiros de empresas privadas ou instituições governamentais” (p. 107).

Conclusão

Neste artigo, buscou-se resumir e integrar alguns estudos e reflexões filosóficas que atravessam o conceito de cibercultura, de modo a contribuir para a construção de um panorama abrangente sobre a questão das redes e sua utilização em mobilizações políticas, incitando novas reflexões sobre esse tema.

Como afirma Levy (1999, p. 111), a cibercultura reflete o “universal sem totalidade, pois, ao mesmo tempo em que promove a interconexão generalizada, comporta a diversidade de sentidos, dissolvendo a totalidade”. A cibercultura possibilita que uma diversidade de movimentos e agentes sociais se conectem e façam críticas aos modelos hierárquicos e verticais hegemônicos de tomada de decisão, como as grandes corporações midiáticas e seus aliados. Nesse sentido, a cibercultura traz a possibilidade de criar novas interações entre culturas individuais e coletivas – inteligência coletiva – no ciberespaço.

O ciberespaço, por ter como característica uma perspectiva rizomática, emerge como um território de resistência aos modelos hierárquicos, verticais e hegemônicos, pois sua estrutura não comporta pontos fixos para a veiculação de informações, além de haver condições de produção e distribuição instantâneas numa dinâmica horizontal/todos-todos. Deleuze e Guattari (1995, p.15) afirmam que “o movimento não se faz mais apenas ou sobretudo por produções filiativas, mas por comunicações transversais entre populações heterogêneas”.

Os movimentos sociais contemporâneos apresentam essa nova realidade a partir do instante em que se apropriam da internet, tornando-a um componente vital para a formação de redes de colaboração e solidariedade. Na atualidade, é possível observar vários fenômenos simultâneos de mobilizações e protestos sociais iniciados em rede virtual pelo mundo. Em todos esses movimentos, as mídias transformaram-se em potentes instrumentos de luta, oportunizando e proporcionando diálogos, debates de opiniões e contribuições nas decisões políticas, por meio de ações individuais e/ou coletivas.

Assim, é possível concluir que a internet – com sua estrutura virtual/rizomática e seus fluxos intensivos que geram rápida disseminação da informação – contribui para que grupos e coletivos promovam intervenções quase que imediatas contra a burocracia, o verticalismo, as hierarquias tradicionais – governos e conglomerados midiáticos – e demais instituições sociais que se afastaram das realidades de tais grupos/coletivos.

Referências

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. A Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio: Zahar, 1985.

ANTOUN, H. (Org.), **Web 2.0: Participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

_____. O poder da comunicação e o jogo das parcerias na cibercultura. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**. São Leopoldo, 2004.

_____; MALINI, F. Ontologia da liberdade na rede: as multi-mídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos. In: **Anais do XIX Encontro da Compós**. Rio de Janeiro, 2010.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COELHO, T. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. São Paulo: Editora 34, 1995.

ERTHAL, A. O jornalismo tradicional e as narrativas independentes: o caso da cobertura das manifestações populares de 2013 no Brasil. **Central de Cases da ESPM**. São Paulo, 2014.

FERREIRA, F. T. Rizoma: um método para as redes? **Liinc em Revista**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:

<<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/251/142>>.

FIGUEIREDO, G. G. Vamos ao Baile: Gingas da Comunicação e da Participação no Zapatismo. **Revista Lua Nova**. São Paulo, 2007. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ln/n72/a03n72.pdf>>.

GONÇALVES, F. Resistência nômade: arte, colaboração e novas formas de ativismo na Rede. **Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Intercom, Santos, 2007. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0354-2.pdf>

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

KASTRUP, V. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: PARENTE, A. **Tramas da Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2004

LEMO, A. As estruturas antropológicas do ciberespaço. In: **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. Cidade e mobilidade: Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **MATRIZES** n. 1., 2007.

_____. Ciberespaço e tecnologias móveis. Processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. Imagem, visibilidade e cultura midiática. **Livro da XV COMPÓS**. Porto Alegre: Sulina, 2007. Disponível em:

<<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territorio.pdf>>.

_____. LÉVY, P. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus. 2010.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **As Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996

PINHEIRO, J. Videoativismo e os Novos Movimentos Sociais no contexto da Folkcomunicação. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. Ponta Grossa, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1724>>.

VIEIRA, T. Mídia Ninja: entre a tecnologia, a política e a prática profissional. **Razón y Palabra**. México, 2014. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/N/N85/V85/05_Scharlau_V85.pdf>.

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2004.

Recebido:16/11/15

Received: 16/11/15

Aprovado: 27/11/15

Approved: 27/11/15